

ESPOZENDENSE

Seminário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.— José da Silva Vieira. — Redactor no Brasil: A. Eiras. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.— Typ. Esposendense — Esposende

Assinatura: Anni, sem estampa, 10,500 esc. — Com estampa e para fóra: 2,500 e c — Brasil, (Moeda forte), 30,000 rs. — Colónias Portuguezas, 25,000 rs. — Número atrasado 1,500 — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Esposende.

Anuncios: Judiciaes: linha 1/2 es., de linha 1500 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Com. ou reclamaes, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação, 15 c. — Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

Origem e evolução da língua portuguesa

A língua portuguesa tem origem no latim vulgar trazido pelos Romanos para a Lusitânia, e cá modificado; ou mais propriamente, é uma evolução d'esse latim. Os romanos vieram para a península no século III a. C.; os mais antigos testemunhos históricos da luta d'elles com os Lusitanos datam do ano de 193 a. C. e essa luta continuou até a conquista definitiva da Lusitânia no tempo de Augusto.

Outras línguas se desenvolveram do latim vulgar no orbis Romanus. O conjunto de todas forma a família românica ou neo-latina. Os princi-

pais membros da família românica são: portuguez, hespanhol, francês, provençal, italiano e rumeno, — todos êles providos de abundante literatura. Mas além d'êstes podem contar-se outros, que representam tão rico pecúlio literário como os antecedentes, apresentam contudo caracteres glotológicos que lhes dão individualidade: o *la tino*, falado em parte da Austria, da Suíça, e do Norte da Itália; o *sardo*, falado na Sardenha. Há também quem conte como tal um grupo glótico (Sueste da França; Val Soana e Vale d'Aosta; e Suíça Ocidental que participa do francês e do provençal, e por isso se chama *franco-provençal*. Igualmente podemos considerar idioma românico distinto o *dalmata* ou *dalmático*, falado outr'ora nas costas da Dalmácia, e hoje extinto. Concomitantemente com êstes idiomas há ainda mais, que estão para com êles

na relação de intermédios, de co-dialectos, de dialectos, de sub-dialectos, — por exemplo, o gascão, o catalão, o valão, o leonês para não falar na imensa variedade de romances crioulos que se desenvolveram na Africa, Asia, América e Oceânia.

O portuguez é falado em grande área; no continente e ilhas adjacentes, em algumas partes da raia hespanhola, no Brasil, nas nossas colónias, e em várias outras regiões da Asia, da Africa, etc. Também outr'ora foi falado em cidades da Itália, da França, da Inglaterra, de Alemanha, da Holanda por judeus de origem portuguesa. Ocupei-me d'êste assunto na minha *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Paris, 1901, pág. 15 ss., num capítulo consagrado á geografia da nossa língua.

Em tão grande extensão territorial não pode esperar-

se que exista uniformidade idiomática. De facto, no continente há variações dialectais do Norte para Sul: o Minhoto, o Trasmontano, o Beirão, falam de um modo, ou de muitos modos; os Meridionais (Extremenhos, Alentejanos, Algarvios) falam de outro, ou outros. Nas ilhas (Açores e Madeira), para onde o portuguez foi levado pelos marinheiros e colonizadores, do século XV para cá, notam-se variações análogas. Com a propagação da nossa língua nas longinquas regiões de além-mar, ela scindiu-se muito desvairadamente; aqui ouvimos o falar brasileiro; ali os romances crioulos da costa e arquipélagos d'África; mais além os de Ceilão, da India, e do Extremo-Oriente. Grande povo, que assim deixou a sua alma por o mundo em pedaços repartida! Vigorosa língua que no decurso de cinco séculos tem resistido, mais ou me-

FOLHETIN (5)

TERRAS PORTUGUEZAS

ESPOZENDE

(Continuado do numero 1.314)

É natural que o areal que, hoje vai da nova barra à Senhora da Bonança, não existisse noutros tempos, e que depois se houvesse assoreado a foz com as areias do mar e os enxurros do rio.

Haveria vantagens, para uma boa obra hidráulica; na abertura dum canal, por essa lingua de areia, de Fão aos Cavalos?

O snr. Padre Jerónimo Gonçalves Chaves (o «Chaves Coupon») tem defendido calorosamente, e com elevada dedicação, desde 1912, o porto nos Cavalos de Fão; escrevendo e publicando diversos folhetos de propaganda. Honra lhe seja; mas pregará no deserto...

Que neste concelho, na freguesia de S. Bartolomeu do Mar, houve um convento de Monges beneditinos, que se reduziu a vi-

gariaria no principio do século 18.º

Que em S. Miguel de Alvarães, «dêste concelho», existem as ruínas dum torre antiquissima, chamada de Silveira.

Que na freguesia de S. Julião do Freixo, «também dêste concelho», está o antigo castelo, com torre e muralhas que foi dos Corutêlos.

Não consta que Alvarães e Freixo tivessem sido do concelho de Esposende, mas sim do de Barcelos.

Que actualmente a barra, por ser de areia, está muito obstruída e que já com dificuldade é demandado êste porto, aliás importante.

Que foi elevada á categoria de vila por D. Sebastião, em 15 de Agosto de 1572 (aliás no dia 17)... (12)

(12) A Carta régia termina por assim dizer: «Baltazar Ferraz a fez em Lisboa, a dezasseis dias do mês de Agosto do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos setenta e dois. Fernão da Costa o fez escrever. P. El-Rei.

Que tem espaçosos Paços Municipais, sobre elegante e sólida arcaria e de vistosa arquitectura, há pouco restaurado, e alargados, onde se acham instaladas comodamente todas as repartições publicas, e que têm sido admirados e elogiados por todas as pessoas que o têm visitado...

Que possui um bom estaleiro, onde se tem feito importantes construcções navais.

Que pertencem ao seu concelho as freguesias de Apúlia, apontada como boa estação para banhos do mar; a de Fão, que alguns pretendem ter sido a antiga cidade romana de Águas Celenas (vide Barcelos), importante pela sua industria e comércio marítimo; a de S. Bartolomeu, que foi o herço do ministro António Rodrigues Sampaio.

Em S. Bartolomeu do Mar nasceu António Rodrigues Sampaio, estadista e jornalista que tem um monumento na vila de Esposende.

Que o solo do concelho é abundante em toda a qualidade de frutos do nosso país havendo aqui diferentes minas de varios

metais, e sendo o seu clima sadio.

Que exporta cereais e muitas madeiras; que em frente á sua costa estão os penedos denominados Cavalos de Fão, muito conhecidos dos mareantes; que o Cabido da Sé de Braga apresentava o vigário, colação.

P. Real, falando dos Cavalos de Fão, diz que são uns pedrascos que correm de norte a sul, na distancia de 1.500 metros, em frente de Fão e Esposende; podendo navegar, entre elles e a terra, qualquer navio. Que ha nelles grande abundancia de marisco.

Que eram já conhecidos dos antigos, chamando-lhes os romanos Promontorio A'varo... (13)

Baptista de Lima.

(13) «Promontorio A'varo» vale o mesmo que Caput Avum ou Caput A'varo, de onde deriva a palavra Cávado, Kátavos e Cávavo, corrompida hoje em Cávado, que é o nome dado ao rio, porque antigamente a foz deste era mais para o sul, atravessando o cabedelo.

Bento Antas da Cruz.

(Continua)

nos, ao embate de outras, e servido para exprimir as crenças, as paixões, as idéias das mais desconhecidas nações da terra!

J. Leite de Vasconcelos.
Lições de Filologia Portuguesa,
Lisboa—1926.

Como deverão ser as Armas, Bandeira e Selo da Camara Municipal de Espozende

Ad Ex.^{mo} Senhor P.^o Manoel Martins de Sá Pereira, Dig.^{mo} Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal da vila e Concelho de Espozende.

ORIGEM HISTORICA DA VILA DE ESPOSENDE, (BREVE NOÇÃO DA)

A povoação de Espozende da freguesia de S. Miguel de Cepães (Marinhães), julgada ou terra de Neiva, que ainda em 1258 era um aglomerado pequeno de habitações (*Inquirições de D. Afonso III*), foi-se lentamente desenvolvendo até os reinados de D. Diniz e D. Fernando.

Começou, porém, a acelerar-se-lhe depois o incremento, devido á protecção valiosíssima que estes dois monarcas deram á industria dos estaleiros e ao commercio marítimo, em Portugal!

Favoreceram elles a construção de navios para transportar as mercadorias portuguezas para o estrangeiro, isentando dos direitos alfandegarios, esses mesmos navios, em certos casos; crearam uma companhia de seguros marítimos; e, permitiram aos constructores dos de mais de 100 toneladas, o fornecimento e corte de madeiras gratuitos nas matas reais; o que representa um avantajado auxilio dado, no século XIV, á marinha mercante e á industria exercida nos estaleiros.

Segue-se a conquista de Ceuta, na costa da Mauritânia, por D. João I, em 1415, que abre as portas ás nossas navegações e descobrimento de terras em Africa, Asia e America, iniciados pelo generoso Infante D. Henrique, que foi viver para o Algarve, onde organisa essa famosa escola de Astronomia, Cosmografia e Nautica, em Sagres, fundando Vila Nova do Infante, no promontorio da mesma designação, e ali faleceu a 13 de novembro de 1460.

Reinando D. Manoel I já a povoação de Espozende era

grande, tinha atingido o seu máximo esplendor, porque a vida do paiz se concentrara toda no litoral com a exploração das novas possessões ultramarinas, e era tambem grande o movimento dos seus estaleiros.

O seu porto de mar, então importante, encheu-se de navios que demandavam varios paizes da Europa, as costas do Brazil e os bancos da ilha da Terra Nova, na America Setentrional, para a pesca do bacalhau.

Este mesmo rei, por alvará de 14 de outubro de 1506, mandou cobrar o dizimo das pescarias da Terra Nova nos portos da provincia do Entre Douro e Minho, e, em tamanho progresso foi a pesca do bacalhau feita pelos marujos portuguezes, que para ella do porto de Espozende, saiam de 70 para 80 navios cada ano.

(*Veja-se a Carta regia de D. Sebastião de 1572*).

Esposende constituia já um pequeno innorio dos generos coloniais, não só destinados para o consumo da provincia, mas para exportação em grande escala para o estrangeiro «porque os portuguezes as adquiriam por sua industria e navegações, e as mandavam ás outras gentes da Europa buscar a Portugal.» (*Duarte Nunes de Leão, na Descrição do reino de Portugal*).

A D. Manoel I, o Venturoso sucedera em 1521, seu filho D. João III, a quem os esposendenses supplicaram a elevação do logar á categoria de, o que este monarca promettera fazer, mas «morreu o procurador do dito logar, e perdeu-se a petição» (*Veja-se a citada Carta regia*).

Em 1527 sucedera a D. João III, seu neto D. Sebastião, o Desejado, e os esposendenses renovam a supplica feita áquella seu avô, expressando-se «que no dito logar ha tresentos para quatrocentos visinhos (familias) juntos e arruados, e muito nobre de cázaros, gente rica e abastada, e a maior parte do serviço de Vossa Alteza por seu porto de mar» (*São palavras da já citada Carta regia*).

E D. Sebastião, zeloso da justiça, acedeu á petição dos moradores de Espozende, e houve por bem e lhe aprouve de fazer vila o dito logar de Espozende por Carta selada de selo de chumbo, em Lisboa, a dezenove do mez de Agosto do ano do Nascimento de Nossó Senhor Jesus Christo de mil quinhentos setenta e dois.

Baseado nestas considerações, entendo que o Brazão de Armas, bandeira e selo, da Camara Municipal de Espozende, deverão ser assim constituídos:

Armas—De azul, em che-

fe, a Virgem Nossa Senhora como padroeira da vila; debaixo d'ella, uma caravela e ancora respectiva, que representam a importancia do seu antigo commercio marítimo e a frequencia de embarcações surtas no seu porto de mar; e, em contra-chefe, umas estrelas de cinco pontas com a legenda *Celsa serena faveat*, por esta ser a divisa usada por D. Sebastião, que foi quem fez Espozende vila. Corôa mural de quatro torres, de prata. Listel branco com a enunciação *VILA DE ESPOSENDE*, a negro.

Bandeira—Esquartelada de amarelo e de azul. Cordões e borlas de oiro e de azul. Haste e lança doiradas

Selo—Circular, tendo ao centro as peças das armas sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de circulos concentricos, os dizeres *CAMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE*.

Aqui deixo o meu humilde projeto, para apreciação dos entendidos nestes assuntos heraldicos e de tal natureza, pelo achar de harmonia com a historia da terra e vila de Espozende.

Barcelinhos, 8 de Setembro de 1935.

Bento Antonio Antas da Cruz.

ESPOSENDE HA CINCOENTA ANOS

NOTAS A LAPIS

(Continuação do numero 1414)

Á volta, as meninas formavam rodas ás portas de suas casas para as despedidas; era então acêsa a girandola dos beijinhos cantados, um em cada face, segnndo a ultima moda. Duma feita, sorrateiro, entrei na apetecivel roda; e logo as beijocas cantaram na minha face, onde a barba era tampouco penugem; mas a vesga inveja deu brado de entre os barbados como eu; e teve de apressadamente virar de bordo, fugindo aos beliscões sempre desagradaveis, mesmo torcidos por uns dedinhos enluvados...

Se as tardes eram perfumadas e ridentes, ao declinio do sol, com o farnel da merenda, ia-se ao Forte, caminho fóra catando perolades beijinhos dentre a babugem deixada pela maré. Se chovia, matava-se o tempo numa bisca-lambida, ou cabeceava-se num vispora em que só as mais do peito faziam quino, levando-nos os

magros cöbres ou as amendo-us do Natal.

Na época das romarias, chamava-se a «nossa victória» do Damião, a carripána do Zé do Pilar ou Foulão, ou até de coudelaria suburbana; e ao chouteio ritmado das magras pilécas, partiamos estrada fóra ou por caminhos intimamente a elas familiares. Depois por televisão atravez dos velhos antrolhos, um ramo de louro dava-lhes heroicidade ás patas, até afocinharem no saboreio reconfortadôr duma sôpa de burro cançado. E várias vezes á falta de homens, a Rozaira ou a das Dôres, subindo á boleia, tomava o chicote e davam mão de rédia aos ipicos ossudos. Os que ficavam, aguardavam a nossa volta á entrada da vila, para nos pedirem sêcos e gulôsos—os «doces» e lamber o assucar que caiava e melava umas pequenas cestas e uns cachorrinhos» feitos de de uma massa escura, cörnes, intrágavel...

E tambem de volta, entre as moças afogueadas e suarentas das danças e da caminhada a pé, de olhô um tanto pisqueiro e o galhinho de mangérico já murcho na orelha, passava o Fagulha a dar a ultima esfoladela no cavquinho rezinguento:—Zigue-zigue-zigue, zigue; zigue-zigue-zigue, zigue.

(Continúa)

Luiz Viana.

Seara alheia

- 1
À mesa:
—Gosta de salada?
—Gosto; mas há-de ser azeitada por um liberal, avinagrada por um prudente, salgada por um misero e mexida por um tonto.
—Veja esta... Que tal?
—Muita justiça e pouca misericórdia. (Isto é: pouco azeite e vinagre em excesso.)
- 2
—1' arrenego! Não bastava a sarna das frieiras, senão tambem agora esta inflamação de olhós. Como poderei eu ver-me livre disto? não me dirá?
—Direi: para as frieiras, pó de maio é bom remédio; e quanto aos olhós, não os coce nunca senão com o cotovelo.
- 3
—Cfu, cfu... Que tosse que eu tenho! Cfu, cfu...
—Para isso, chá de írsela (ir-ê-ê-lá)—alvitra um.
—Ou limpar a goela com uma mãozinha de gato—informa outro.
- 4
Falando sobre coisas da sua especialidade, dizia um ferreiro:
—Há muitas qualidades de aço.
—Há, bem sei—lhe torna um gracioso:—aço maroto, aço patife, aço brêgeiro... (*ah so maroto! ah so*

patife! ah so brègeiro!..)

5 Grande porfia entre dois sujeitos.

—Teima para aí—diz um dêtes, por fim.

—Nunca houye um teimoso só —adverte o outro.

6 Frei José Marques, de Évora (Alcobaça), prégando uma vez na Benedita, para onde fôra de véspera, rematou assim o seu sermão:

—Peço três AVE-Marias: a 1.^a por mim e por vós; a 2.^a por vós e por mim; e a 3.^a por nós todos. Peço mais uma Ave-Maria por intenção do meu amigo José Luiz (1), que me deu ontem, à ceia, uma posta de atum,—e por sinal estava êle bem salgado! (2)

7 —«Quem me dera ser cego dum ôlho!» Assim exclamava...

—Quem?!
—O cego da Azambujeira.

8 —«Donde é você, ceguinho?»—preguntou ao cego do Periquito uma compadecida mulher.

—Dos olhinhos, minha senhora.
—Você quando nasceu já assim era?

—Não, senhora; era muito pequenino.

9 —A minha mulher é muito desconfiada. Lá em casa, ás vezes, é um inferno!

—Sim, sim, sim; já por aí consta que aquilo é mulher do diabol!

10 —Há coisas que raras vezes se topam: burro bravo, gato que embique, cão de má boca...

—...e mulher de bom génio—acrescentou um mal-casado.

11 Iam tagarelando, bifurcados nos seus jumentos.

—Posso afirmar-lhes—declarou o Meireles—que não trocava agora lombo de burro por lombo de porco.

12 Em dia de S. Martinho:

—Hei-de hoje tomar uma carraspana!
—Isso é asneira.

—Asneira são três num burro.
—Hom' essa!.. Porquê?

—Porque nem êles cabem nem o burro pode.

13 O devedor:—Tome lá um escudo à conta dos dois que ontem lhe fiquei a devêr.

O credor, tomando-o e metendo-o no bolso:—Não era êste o que eu queria; era o outro.

14 —«Que é que faz, tia Strudes, aí ao sol?»
—Procuro o que não perdi.

15 —«E bom, o barbeiro lá da terra? Provavelmente leva coiro e cabelo.»
—Não, senhor! Leva o coiro e deixa o cabelo.

16 Um sujeito, depois de empinar um copo do tinto:

—Se visse o que vejo, não bebia.
—«Que é que você vê?»
—O fundo do copo.

17 —Bom dia, compadre.
—Bom dia? À noite a diremos.

18 —Labrego! Á assoar-se á mão!
—É o meu lenço de cinco pon-

tas; não tenho outro. E agora já você se não admirará se lhe disserem que há pobres que deitam fora o que os ricos guardam no bolso.

19 Um curandeirole que frequentemente *rasgava baeta* (1), assim se desculpava:

—Por causa dum assobio de vento não quero perder um alguidar de tripas.

20 —Aqui tens a tua navalhinha; obrigado.

—Serviu?
—Serviu; mas o que ele corta bem é água do mar, vento norte e sombra de parede.

21 Acêrca dos três cereais que, para fabrico de pão, nesta região se cultivam, dizem os aldeões: o trigo foi ao altar; o milho não passou do meio da igreja; e a cevada chegou á porta, desatou a rinchar, alçou o rabo e fugiu.

22 Falando-se de certos praguentos, dizia um visinho meu:

—Cá para mim, antes pragas que Padres-Nossos.

E como lho estranhassem, explicava:

—Antes me roguem pragas do que me resem por alma. (1)

23 Na mercearia:

—Trate de aviar aquele freguês; olhe que êle vai-se.

—Se se vai não é bom para ordem.

24 O taberneiro:—Eu nunca deito água no vinho.

Um dos fregueses:—Creio; deita o vinho na água.

25 O patrão, jovial:

—Mestre: pague-me aqui um coice.

—Onde quer vossemecê o coice?
—Nesta porta.

Como bem se depreende, o mestre era carpinteiro.

26 O cabreiro, por sua vez:

—Ô snr. mestre cão-por-inteiro: faça-me aí uma cancela q' abra p'ra dentro e q' abra para fora.

27 Para o almoço do sapateiro pôs a mulher da casa bacalhau e pinga; e, um pouco tardiamente, dois ovos (1) Indo, depois, levantar a mesa e vendo os ovos intactos:

—«Então não comeu os ovinhos que eu lhe puz?»

28 —Há um sacramento—apenas um—que nenhum cristão deve receber.

—Qual é?!
—O baptismo.

—Homem: essa doutrina...
—Ensinou-ma o Prior; talvez você lhe queira ensinar o Padre-Nosso. Fique, pois, ciente:—o baptismo, não deve recebê-lo quem é cristão; mas sim, quem ainda não o é.

29 Na catequese:

—«És cristão?»—pregunta a um gaiato o Rev. José Pereira dos Santos.

—Não, senhor.
—Não és cristão?!
—Lá em casa não me chamam cristão; chamam-me Jorge.

30 —«Sabe o que vai receber?»—pregunta a Rev. Prior a uma nubente, antes de lhe administrar a comunhão.

—Sei, sim, senhor; vou receber o José Silva.

31 Junto à capela do Senhor Jesus do Hospital vendia velas e ex-votos —a que chamam *milagres*—a mulher dum cerielro.

—Quem taz isto?—preguntaram-lhe.—É seu marido?

—O quê? as velas? Sim; as velas, o meu home é que as faz; os milagres faço-os eu.

32 —O gatuno, o tal que levou a carga de pau, melhorou?

—Melhorou; está capaz de levar outra.

33 Falava-se de politica.

—Eu tambem tenho o meu partido.

—Partidos são cacos!

34 —Abre-se-me hoje tanto a bôcal Não sei o que isto é.

—Não sabes? Isso é fome, ou sono, ou ruindade do dono.

35 Quere laranjas?

—Agora em janeiro? São boas, mas é quando estão já confessadas (1). É muito boas nos meses que não têm erre (2).

36 —Em Lisboa comem-se cavalas —ouvi dizer. É verdade?

—É; e que admira? Eu já vi comer câis.

—Comer câis?!
—Sim; ou câis a comer. Vem a dar na mesma.

37 Para os agricultores, o domingo é o dia dos arrependimentos; porque, costumando êles, nesse dia, ir ver as suas searas, se elas estão boas arrependem-se de não ter semeado mais; e se o não estão, arrependem-se de haver semeado tanto.

38 —«Como vai isso, amigo João?»
—Eu, quando mal nunca maleitas. E você?

—Assim, assim; mas—não sei que é—não se me conserva o comer na bôcal.

39 —Trazes as mangas rôtas; já reparaste?

—Reparei, mas é que se usam agora assim.

40 —O seu cão ezta muito magro.

—Pois olhe: carne não lhe dou eu; mas pão, é o que êle quere.

—Sim, sim; é o que êle quere...

NOVIDADE

ESPOZENDE

ATÉ 1258

por

Baptista de Lima

Divagações históricas, 1 vol. de 72 paginas, 3 escudos. Pelo correio 3\$30

Edição da Livraria ESPOZEN- DENSE—Espozende, a quem devem ser feitos os pedidos. A' venda na Papeleria Miran- da, Largo da Calçada, BARCELOS.

Vinho nutritivo de carne

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico recon- tituente, levanta as forças dá robustez, e é enpregado com êxito por todos os convalescentes

A' venda em todas as Farmacias e Drograrias DEPOSITO GERAL.

Farmacia Franco, Filhos

Rua de Belem—18 a 22—LISBOA

Pilot RADIO

Porquê?

Recebe maior numero de estações. Tem melhor sonoridade. O material «PILOT» é conhecido pelos grandes amadores da T. S. F. como do melhor que se fabrica.

É a marca que vem sendo preferida pelo Corpo Diplomático, Ministros, Officiais do Exército e Marinha, Magistratura, Alto Comercio e Industria.

É uma marca com 25 anos de existencia e outros tantos anos de aturadas experiencias.

SEJA PRUDENTE

Não compre telefonia sem ouvir «PILOT»

Modelos para 1.200\$00—
1.650\$00 — 1.950\$00 —
2.050\$00 — 2.650\$00 —
2.800\$00 — 3.900\$00 —
3.950\$00 e 5.950\$00

Agente:

JOSE OLIMPIO BARREIROS

RUA DES. FRANCISCO, 34

BARCELOS

FEMINA

jornal ilustrado da mulher

Directora: **HELENA DE ARAGÃO**

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTIENTE E ILHAS

13 numeros	19\$00
26 "	39\$00
ULTRAMAR	
26 numeros	51\$00
ESTRAGEIRO	
26 numeros	63\$00

Para assinar a «Femina» basta enviar um postal a Helena de Aragão, Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA.

Queres ser bem servido ?
Val ao estabelecimento de Antonio Laranjeira na rua Barão d'Espozende

Traineira para a pesca

E' deveras agradável termos que noticiar neste lugar o arrojo de alguns amigos de Espozende que se abalançaram á compra de uma traineira com todos os seus pertences para a pesca de diferentes especies no nosso mar.

Com igual satisfação constatamos o esplendido carregamento de pilado, com que entrou a barra na ultima 4.ª feira.

Nos ultimos dias tem sahido ao mar trazendo sempre pescaria.

Desejamos que assim continue, a vêr se sempre saímos dêste maldito letargo em que nos encontramos.

Diz-se que brevemente será adquirida mais outra traineira para o mesmo fim.

Escola de Belinho

No ultimo domingo, viu outra vez António Corrêa d'Oliveira, o seu solar repleto de pessoas que de propósito o foram homenagear.

Depois dos estudantes universitarios do Porto, coube a vez ao Orfeon Poveiro, que em massa se dirigiu a Belinho, a levar ao grande Poeta da Raça, as saudações de todo o povo da Povoá.

Ao discurso acalorado do presidente do Orfeão da Povoá, respondeu comovidamente o Poeta Corrêa d'Oliveira, em finos recortes literarios, pêlo que foi imensamente aplaudido.

Assim terminou mais uma justa manifestação ao autor do «Job» em franca e leal communhão de ideias.

Ao Poeta envia o «Espozendense» sinceros parabéns, pela continua manifestação de simpatia, que todo Portugal lhe vem tributando.

Entre nós

Encontra-se nesta vila com sua ex.ma familia, o sr. Antonio Maria da Costa, illustre tenente de Infantaria 8, de Braga.

Para Braga, partiu o sr. José Rodrigues Quesada e sua ex.ma esposa, onde vai passar alguns dias

Joel de Magalhães MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12 e em Fão das 14 ás 15 e meia horas

A PATRIA

Sociedade Alentejana de Seguros

Séde em **EVORA** em propriedade sua.

Delegação no **PORTO** AVENIDA DOS ALIADOS, 81-1.º Telefone—4903

Efectua **SEGUROS DE VIDA** em todas as modalidades bem como:

Incendio, Cristal, Postal, Desastres, no Trabalho, Maritimo, Responsabilidade Civil, Roubo, Agrícola, Acidentes individuais.

Reservas em 1932:

Esc. — 3.778.565\$75

Agente em FÃO E ESPOZENDE **António de Sá Pereira**

Artur Boaventura Rego ESPOZENDE

A AGUA DE GRICHÕES É Cicatrisante!!!

Uso externo

Coloque sobre borbulhas, feridas, inflamações, incideias na pele, uma compressa de algodão embebida em agua de Grichões e verificará pouco depois que os efeitos benéficos da sua acção cicatrisante SÃO UM FACTO!!!

Uso interno

A Agua de Grichões sana o organismo de toxinas que o enfraquece e o deprimem.

Facto que se traz luz numa apreciavel melhoria do estado geral, consequentemente de todos os seus órgãos: estomago, fígado, intestinos e rins.

Nas atecções pulmonares e bronquites os seus efeitos são interessantissimos.

Usadas nos principais sanatorios do País.

Usadas por médicos e dos mais distintos.

Centenas e centenas de pessoas usam a aguas de Grichões com extraordinario extol!!!

BASTA EXPERIMENTAR UMA VEZ!!!

Depositarios no Sul do País: Silva Leal, Limitada, Rua dos Fanqueiros, 65 L.º, Tel. 2.6363.—Séde da Soc. de Grichões, R. Alegria 779º Porto, Tel. 1336—Braga Farmacia Paiva,

EM FÃO—FARMACIA PIRES

“EVA”

Grande magazine femino Trabalhos, Desenhos, modelos, Actualidades

Todas as semanas valiosissimos premios ás suas leitoras

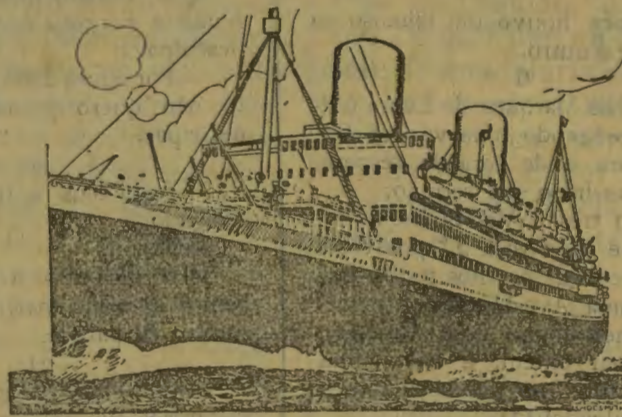
Vende-se na Agencia do «Diario de Noticias»

Casa **⇒ <⇒ <⇒ <⇒**

Lindos romances á venda na Livraria Espozendense.

Mala Real Ingleza

Royal Mail Lines, Limited



Paquetes correios a sair de Lisboa

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

- 1 ASTURIAS em 8 de Outubro para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres
- 2 ALMANZORA em 22 de Outubro para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires
- 1 HIGHLAND CHEPTAIN em 16 de Outubro para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Ayres

- (1) Aceitam passageiros de 1.ª, Intermediária e 3.ª classes.
- (2) " " " " 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

A agencia do Porto pode-n os passageiros de 1.ª classe escolher os belic A vista das planas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO ou aos seus correspondentes nas provincias.

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos

A unica conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saude e especialmente para alimentação de **CRANÇAS, ADULTO E CONVÁLESCENTES**

A venda em todas as Farmácias, — DEPOSITO GERAL EM Drogarias e Merciarías — BELEM

Farmácia Franco, Filhos

Talho “Flor da Avenida,”

Rua 1.º de Dezembro (em frente á Avenida Valentim Ribeiro) **ESPOZENDE**

Fornece carnes verdes de boi, vaca, vitela, cabrito e carneiro, diariamente.

O seu gado é escrupulosamente escolhido por fornecedores entendidos.

Divisa da casa: **«Servir bem, sem olhar a quem»**

O proprietario **Manoel José de Carvalho.**